

SENTIDO DE UMA LUTA

Os acontecimentos da noite de 9 de Maio, o seu significado e as suas implicações de inegável gravidade constituem neste momento o principal polo de atracção da consciência estudantil e da opinião pública da cidade e do País.

A repetida acção criminosa das forças policiais - o trágico balanço do recurso genocida e métodos repressivos só experimentados na sufocação da luta das massas trabalhadoras - abre um processo qualitativamente novo na tomada de consciência por parte dos estudantes de Coimbra.

A interrogação angustiada de todos nós advém talvez de certa perplexidade na constatação objectiva de que:

1º o aparelho repressivo do regime já não exita em levar às últimas consequências as suas tentativas de aniquilamento sistemático das lutas estudantis;

2º o aparelho repressivo do regime já não pode estabelecer distinção entre o sentido de uma luta estudantil por uma Universidade democrática e popular, e a luta travada neste momento, pelos operários da cintura industrial de Lisboa, na defesa das suas reivindicações;

3º o aparelho repressivo do regime reconhece na luta dos estudantes um adversário irreductível, uma consciência crítica que mais nenhuma liberalização de fachada conseguirá mistificar, uma independência e uma autonomia que mais nenhum apelo à colaboração "participacionista" poderão tentar desarmar...

É a esta luz, à luz do balanço trágico dos acontecimentos da noite de 9 de Maio, à luz do exemplo de um camarada que neste momento se debate entre a vida e a morte, que os estudantes decidirão as atitudes a tomar face à política educativa de um governo que dá ordem de fogo contra uma multidão de estudantes que protestam contra a acção no Teatro académico de um grupo anti-associativo e anti-estudantil.

Que significado terão para os estudantes, a partir deste momento, as "boas intenções" - "reformistas" - "participacionistas" - "democratizantes", de um Ministro de Educação Nacional que, volvida quase uma semana sobre o atentado injustificável de que a Universidade foi vítima, ainda não veio a público condenar a acção criminosa das forças policiais?

Neste momento os estudantes despertam dolorosamente para uma realidade que "os mentes diáfanos da fantasia" jamais poderão esquecer. E despertam com a lucidez implacável sobre o significado da agrevação de que foram vítimas e entendem que é chegada a altura de, claramente e sem tibiezas afirmar o que tudo isto significa ao nível das suas implicações mais profundas:

1 - A nomeação do Prof. Gouveia Montuário para o cargo de Reitor, na sequência da alteração governativa ao nível do M.E.N. representou o lançamento para o cesto das inutilidades das anteriores autoridades académicas (principalmente do Prof. Miranda Barbosa).

Em primeiro lugar, devido ao seu descrédito total e às suas responsabilidades na crise do ano transacto;

Em segundo lugar, porque representavam interesses contrários à realização de certas reformas numa estrutura universitária inadequada às necessidades de desenvolvimento do capitalismo em Portugal;

Finalmente, porque um Reitor que na Universidade de Coimbra representasse nova política universitária de Marcello Caetano deveria granjear a simpatia dos estudantes, afim de que tais reformas pudessem ser levadas a cabo sem contestação e ser aceites com satisfação das tradicionais e vivenciações do movimento estudantil.

2 - Esta substituição não se processou contudo sem conflitos, e o novo Reitor é desde logo obrigado a trabalhar para seu directo colaborador - como garantia de um controle sobre as suas atitudes - um indivíduo ideologicamente afecto às autoridades anteriores e sobretudo conhecido pelas suas atitudes anti-estudantis - o Prof. Fernandes de Carvalho.

Por outro lado, sabe-se ser difícil a completa manipulação de equidos dirigentes ao nível das Direcções de Faculdade, sendo a Prof. Rodrigues Quintá aferido uma influência sobre suas posições, para tanto não hesitando em recorrer a um compromisso político explícito com a facção marcelista, aceitando ser nomeado para a Comissão Central do Partido de Marcello Caetano - a A-ção Nacional Popular.

3 - Esta primeira União das Forças de extrema-direita recebe considerável apoio na fase final da discussão do projecto-próximo de Millor Guerra na Assembleia Nacional sobre "As Universidades tradicionais e a sociedade moderna". Com efeito, a proposta deste deputado - testa de ferro da refutação Vaidy Simorians na Assembleia - foi claramente derrotado um benefício de outro, da cujas subscrituras fazia parte um colaborador do conhecido jornal extremista "Política" e professor também desta Universidade - o Dr. Vítor Aguiar e Silva.

4 - Estas ênfases parecidas vêm encorajar as tentativas para a rutura da ordem por parte da elite recém-estruturada que, a partir deste momento, inicia uma montagem de uma bem oleada rede organizativa da que são exemplos o ANSA, os CCC, a FEAC e de modo especial o DTEC.

Apenas cumpria aguardar pacientemente o momento exato para um enfrentamento decisivo em que fossem postas em causa, de uma forma global, as intenções e os métodos de actuação

Reitor Eulálio Monteiro.

Neste enfrentamento, os estudantes desempenhariam - como é óbvio - o papel de "tropa de choque".

5 - Realização do espectáculo do DTEC (com a presença de certas personalidades do peso no regime entre as quais o ex-Ministro Franco Nogueira) no dia 9 de Maio - precedida por inúmeras acções de provocação por parte do ANSA e do CCC - vinha encontrar um ambiente habilmente preparado por uma sãbia provocação dos ânimos estudantis.

Inclusivamente a reacção energética dos estudantes terá sido prevista pelas câmaras da maquinaria, a que explicita que as forças policiais trouxessem ordens expressas de atirar e matar...

Quais os objectivos precisos desta provocação?

- Demonstrar ao governo (e principalmente aos militares) a incapacidade do Reitor em "domesticar" totalmente o movimento estudantil;

- Demonstrar a eficácia da utilização plena dos meios repressivos, e o descrédito das intenções "psicoflóidas" e "desautilizadoras"...

- Criar uma situação da que resultasse a substituição do Reitor Gouveia Monteiro por um peladino do uso desses métodos e mais favorável à clique ultra-reaccionária liderada pelas Miranda Barbosa e Pacheco de Amaral.

Esqueçam estas estratégias que o Reitor que se propõe cumprir um ambicioso programa de reestruturação - e que tem atrás de si necessidades objectivas do regime por demandado peso para poderem ser postergadas por um simples incidente - não deixaria de se adequar tãcticamente à situação e - ao caso de perder o seu controlo dela - levar ao succo a imputar a terceiros a responsabilidade pelas suas consequências...

A atitude do Reitor ao proibir a continuação do espectáculo não é congruente com a intervenção policial e judicial, e embora a responsabilidade da segurança pública e da polícia deve ser nascedora unicamente à autoridade repressiva competente, não por isso perde pertinência a seguinte questão:

- Se o Reitor tinha obrigação de saber o que o espectáculo da UTEC significava, porque permitiu a sua realização, já que mais não fosse tratando-se de um grupo anti-estudantil?

Mais:

- Se a actuação do Reitor não foi de molde a sustentar a actuação criminosa das forças repressivas, que garantias existem para os estudantes do que a Universidade não volte a ser ocupada militarmente como sucedeu ainda há bem pouco tempo.

Dentro desta ordem de ideias, os estudantes de Coimbra exigem, desde já, uma tomada pública de posição por parte do Reitor em face de informações vindas a público na imprensa sobre esses acontecimentos!

Os estudantes de Coimbra exigem que a Direcção Geral da A.A.C. participe, conjuntamente com a Reitoria na elaboração desse osmentido!

Os estudantes exigem a extinção da UTEC e a sua retirada imediata das instalações universitárias num prazo de três dias!

Os estudantes exigem a suspensão imediata das actividades docentes do Prof. Miranda Barbosa e uma vindicância às contas de garantia da Sociedade Filantrópica Académica e dos Serviços Sociais Universitários!

Os estudantes entendem manifestar o seu protesto pelo sucedido através da realização de uma jornada crítica de LUTA e DISCUSSÃO em que será desmascarado o significado da actual vaga repressiva que se abata sobre os estudantes e os operários da cintura industrial de Lisboa!

Mais entendem que nessa jornada de luta se procederá a uma discussão em profundidade sobre a actual política educativa do governo, e constituirá mais um passo para a vitória do movimento estudantil na exigência de uma

UNIVERSIDADE CRÍTICA DEMOCRÁTICA E POPULAR !

12 de Maio de 1970

Os Estudantes de Coimbra em Reunião Geral